



FRANCESCO CARERI

CAMINHAR E PARAR

www.ggili.com.br

GG

Editorial Gustavo Gili, SL

Via Laietana 47, 2º, 08003 Barcelona, España. Tel. (+34) 93 322 81 61

Editora G. Gili, Ltda

Av. José Maria de Faria, 470, Sala 103, Lapa de Baixo
CEP: 05038-190, São Paulo-SP, Brasil. Tel. (+55) (11) 3611-2443

FRANCESCO CARERI

CAMINHAR E PARAR

TRADUÇÃO DE AURORA FORNONI BERNARDINI

www.ggili.com.br

GG[®]

Título original: *Pasear, detenerse*
Tradução: Aurora Fornoni Bernardini
Preparação de texto e revisão técnica: Solange Monaco
Revisão de texto: Grace Mosquera Clemente

Ilustração da capa: Rafamateo

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode ser realizada com a autorização expressa de seus titulares, salvo exceção prevista pela lei. Caso seja necessário reproduzir algum trecho desta obra, seja por meio de fotocópia, digitalização ou transcrição, entrar em contato com a Editora.

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© dos textos: Francesco Careri
© da tradução: Aurora Fornoni Bernardini
para a edição em português:
© Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2017

ISBN: 978-85-8452-090-9
www-ggili.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Careri, Francesco
Caminhar e parar / Francesco Careri ; tradução de Aurora
Fornoni Bernardini. -- São Paulo : Gustavo Gili, 2017.

Bibliografia
ISBN: 978-85-8452-090-9

1. Arquitetura - Filosofia 2. Paisagismo
3. Planejamento urbano I. Título.

17-01455

CDU-712.01

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura paisagística : Teoria e filosofia
712.01

SUMÁRIO

7	PREFÁCIO
11	MANIFESTO
13	ARQUIPÉLAGO STALKER
25	BOARIO STOP
31	DO NAVEGAR E DO PARAR
39	É AQUI NEW BABYLON?
53	PIDGIN CITY
61	SANTIAGO DE CHILE
79	BOGOTÁ
85	SÃO PAULO
95	ARTES CÍVICAS
113	GLOSSÁRIO
125	DE CABEÇA PARA BAIXO
128	ORIGEM DOS TEXTOS

PREFÁCIO

Este livro reúne artigos escritos durante vinte anos, de 1996 até hoje. Nele procura-se construir uma ponte entre o caminhar e o parar, entre o ir e o ficar – quem sabe, entre o nômade e o sedentário. Encara o parar como parte do caminhar, como uma ação que continua querendo ser ainda nômade, uma longa pausa em um percurso que não pode parar. Pode ser lido como uma reflexão quanto ao tomar seu lugar, ou tomar uma posição, quanto ao cuidar de um lugar e assumir uma responsabilidade ética e estética do momento de parar.

Trata-se de uma obra que pode ser lida como um livro sobre Stalker, ou melhor, sobre mim e Stalker, sobre aquilo que aprendi de Stalker, e sobre aquilo que – como professor – continuo a aprender, ensinando como artista, arquiteto e professor, no Laboratório de Artes Cívicas. Ações e reflexões que me permitiram sintonizar modalidades de exploração e permanência nos lugares, tentativas de construir – ao menos para mim – possíveis estradas através das quais expandir o campo de atuação da arquitetura, de local disciplinar claustrofóbico a aventura, por meio da qual transformar o mundo. Pois Stalker é justamente aventura,

existencial, ética e estética. Uma poesia urbana começada com muitos amigos no início dos anos 1990, em Roma, e que conseguiu existir e se expressar longe dos refletores do espetáculo contemporâneo. Isso, não pelo fato de haver permanecido oculta: ao contrário, possui um grande número de estimadores que a conheceram de pessoa, vivenciando-a diretamente graças a caminhadas, ações territoriais, *workshops*..., mas por haver encontrado seu modo de ficar de fora, trocando repentinamente de direção, apagando seus rastros, usando nomes diferentes (Stalker, Observatório Nômade, Stalker/ON, Primavera romana, Museo Relazionale, Laboratorio Arti Civiche, Stalker Walking School), sem chegar a publicar propriamente um livro (há muitos, entretanto em PDF, que podem ser descarregados na web, e outros, em curso).

Esta obra, então, retoma o discurso a partir de onde termina meu primeiro livro, *Walkscapes: El andar como práctica estética*,¹ desde a volta de Roma, empreendida com Stalker, em 1995, e desde sua primeira parada no Campo Boario em 1999. Passa, em seguida, à metáfora do navegar, às derivas e aos portos, para pausar e aprofundar a história de Caim e Abel, relacionando-a com o gesto do *ka*, símbolo da errância eterna que vai ao encontro do Outro. Vai em peregrinação pela morte de Constant e pela releitura crítica do Urbanismo Urbano Unitário, vai à procura da New Babylon (Nova

¹ Careri, Francesco. *Walkscapes: el andar como práctica estética*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2002 (edição em português: *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo, Editora Gustavo Gili, 2013).

Babilônia), relatando os anos passados nas cidades dos Rom, de seu *apartheid* nos novos campos de concentração, mas também de Pidgin City, o mundo das ocupações que dizem respeito à habitação, em que o informal volta a ser um recurso, e a autoconstrução, uma saída praticável, em que podem ser construídos novos espaços na escala 1:1, com base nas capacidades construtivas, das lutas e dos desejos dos habitantes. Desse ponto, parte para a América do Sul, a escola mais avançada para a grande cidade informal que virá, caminhando por Santiago de Chile, Bogotá e São Paulo, entre brancos de memória, amnésia de censura, labirintos espontâneos e retórica da segurança. Encerra-se numa homenagem patética a Patrick Geddes, com um artigo sobre a urbanística itinerante e sobre o percurso peripatético de Artes Cívicas, em que se aprende a perder tempo para ganhar espaço, a caminhar e a tropeçar, a entrar em lugares onde parar para fazer arquitetura, a cumprimentar ao chegar e ao despedir-se. Um glossário de palavras que me ajudam a transmitir isso tudo, um manifesto de cabeça para baixo.

MANIFESTO

1999

Revolução

We want a revolution
non for the arts mais pour la vie authentique

Freedom of art is also freedom from art

Revolution to lay in the arms of a new mother
revolución que te llega por territorios vírgenes
rivoluzione per l'emancipazione degli affetti e
delle passioni

Revolução é recordar aos indivíduos que eles
são livres

Passioni

We swim in this empathic process where
cada cual es Cupido

Aonde as setas vazias fazem nascer o amor
donde autónomas productions du sens
secernent improvisos pátios de consciência

Erramos tras landas instabiles
tra stati d'animo fortuitamente revelados
besides las islas de la rappresentazione
beyond los mares de l'esperienza

Territoire

Arquitectura is a beach
Fazer amor antes
de fazer um projeto

Territoire is a neighbour
an autonomous producer of space
that makes questions about tiempo

Territory itself wants a revolution
quiere nuevas historia y geografía
cherche l'emancipation de ses passions
desidera un'erotizzazione senza limiti

ARQUIPÉLAGO STALKER

1996

A Zona é, talvez, um sistema muito complexo de armadilhas...

Não sei o que acontece aqui quando não há ninguém,
Mas, mal chega alguém, tudo começa a se mexer,
A Zona é justamente como nós a criamos, como nosso
estado de espírito,
Não sei o que acontece, não depende da Zona,
Depende de nós.

Andrei Tarkóvski, *Stalker*, 1979

A Zona em que se desenrola o filme de Tarkóvski é um território onde a Natureza, depois de uma aterrissagem de extraterrestres, tomou seu próprio rumo, sua própria evolução: é um território mutante. É uma região cercada e controlada pelos militares e submetida ao estudo dos cientistas. Os únicos frequentadores desse novo universo mutante são os Stalkers, estranhos personagens míticos que conhecem seus lugares de acesso e por eles penetram abusivamente, por ser a Zona o único lugar onde é possível esperar. No filme, *Stalker* conduz duas pessoas que personificam

as duas formas do Conhecimento, a científica, representada pelo físico, e a humanista, representada pelo escritor. Eles caminham sem seguir nenhuma senda, por uma paisagem em contínuo devir, sem passado nem futuro.

Uma natureza em que a paisagem pela qual se acabou de passar já foi transformada em uma nova paisagem, onde também nossa presença é causa de novas mudanças e onde, para caminhar, é preciso ter uma estratégia ou – ao menos – um ritual. O Stalker os guia até o quarto onde os desejos se cumprem, só que não se pode ir lá diretamente. É preciso tomar tempo para chegar lá, deve-se atravessar a Zona, deve-se ser “digno daquilo que acontece”.¹

Entre 5 e 8 de outubro de 1995, um conjunto de artistas e arquitetos romanos realizou, a pé, a volta inteira das zonas abandonadas de Roma, e a essa ação denominou “Stalker através dos Territórios Atuais”, relatando-a por meio de diversos materiais: muitas fotografias, um vídeo, um mapa, um diário de bordo e um

¹ Stalker é um coletivo romano de arquitetos e artistas que recebe o nome da ação aqui descrita e que, na década de 1990, assume o “caminhar” como seu mais importante instrumento de ação. Em 2002, transforma-se em Stalker/Osservatorionomade e, a partir de 2009, ramifica-se em uma rede articulada de trabalhos e projetos que têm siglas diferentes: Primavera romana, LAC_Laboratorio Arti Civiche, Museo Relazionale, Stalker Walking School, Space Experience.

manifesto”.² No Manifesto, os “Territórios Atuais” são descritos como:

Aquelas áreas esquecidas que formam o negativo da cidade contemporânea, que contêm em si mesmas a dupla essência de refugio e de recurso. Lugares difíceis de serem compreendidos e, conseqüentemente, de serem projetados. Isso pelo fato de eles não possuírem uma localização no presente, de não conhecerem as linguagens do contemporâneo. Ao mesmo tempo, porém, lançam mensagens a quem se prestar a recebê-las. Alguns poderiam, realmente, tornar-se uma zona franca, vir a ser submetidos a diversas legislações, ser lugares onde os novos desejos citadinos pudessem ser satisfeitos. Mas, sobretudo, representam hoje um grande recurso, a única floresta onde ainda é possível perder-se, um território híbrido entre cidade e campo, onde a natureza ainda tem a possibilidade de evoluir em formas não previstas, de produzir espaços tênues, em equilíbrio instável, cuja única forma de cuidado é o abandono. Conhecê-los, percebê-los em seu devir,

² A respeito dessa primeira caminhada iniciática de Stalker veja: Genari, Flaminia. “Progetti/Azioni: tra i nuovi esploratori della città contemporanea”, *Flash Art*, n. 200, 1996, pp. 62-64; De Cecco, Emanuela. “Non volendo aggiungere altre cose al mondo”, *Flash Art*, n. 200, 1996, p. 64; Romito, Lorenzo. “Stalker”, in Lang, Peter (org.), *Suburban Discipline*. Nova York, Princeton Architectural Press, 1997, pp. 130-141; *Stalker, a travers les territoires actuels/aattraverso i territori attuali*, Paris, Jean-Michel Place, 2000. O arquivo inteiro foi adquirido em 1999 pelo FNAC (Fonds National d’Art Contemporaine); o mapa em versão redonda do Planisfero Roma foi adquirida em 2004 pelo FRAC PACA (Fonds Régional d’Art Contemporain – Provence Alpes Côte d’Azur).